

100. Erotismo e sexualidade na iconografia ápula do século IV a.C.	Juliana Magalhães	Maria Cristina N. Kormikiari	PD	Andamento 2019-2022
101. Representações e discursos sobre as ilhas Cíclades e Paros: um paralelo entre as fontes textuais e a materialidade do período arcaico e clássico.	Guilherme Diogo Rodrigues	Maria Cristina N. Kormikiari	IC	Concluído
102. Representações e discursos nas ilhas Cíclades e nas ilhas Paros: coleta de dados in loco	Guilherme Diogo Rodrigues	Maria Cristina N. Kormikiari/ Gilberto da Silva Francisco	BEPE/ IC	Concluído
103. O indivíduo e a individuação na religião grega: uma contribuição epigráfica da pólis de Tasos.	Guilherme Diogo Rodrigues	Maria Cristina N. Kormikiari	ME	Andamento 2021-2024
104. Estraticat : podcasts sobre arqueologia da antiguidade (spotify)	Guilherme Diogo Rodrigues	Maria Cristina N. Kormikiari	Difusão Científica	Andamento 2021-2022
105. Produção de vídeos em Arqueologia da Contemporaneidade	Viviana Lo Monaco	Maria Cristina N. Kormikiari	Difusão Científica	Andamento 2021-2022
106. Produção de Vídeos em Arqueologia do Mediterrâneo Antigo	Guilherme Maeda Wesley Yamaguchi Maria Clara Paiva Camargo Vanessa Freire de Sousa	Maria Cristina N. Kormikiari	IC	Concluído 2020-2021
107. Párceria Universidade-Escola: Divulgação e Pesquisa de Recepção de Materiais Educativos em Arqueologia do Mediterrâneo Antigo	Bruno dos Santos Menegatti	Maria Cristina N. Kormikiari	IC	Concluído 2020-2021
108. Design Gráfico em Arqueologia	Lais Batista Guirra de Sousa	Maria Cristina N. Kormikiari	Difusão Científica	Concluído 2020-2021
109. Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e Cultura Material	Juliana Figueira da Hora	Maria Cristina N. Kormikiari	IC Difusão Científica	Andamento 2021-2022
110. Encontros Virtuais do Labeca Temporada I: Como eram as cidades no Mediterrâneo Antigo			Difusão Científica	Concluído

## Apresentação

Este livro pretende apresentar aos leitores brasileiros um balanço das pesquisas e atividades empreendidas pelo *Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga* (Labeca – MAE/USP) entre os anos de 2013 e 2021. O núcleo central do volume está constituído pelos resultados de várias pesquisas desenvolvidas no Labeca sobre *A organização da khóra: a pólis grega diante de sua hinterlândia*, temática que informou o Projeto de pesquisa financiado pela *Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo* (Fapesp) de 2010 a 2015 (Proc. 2009/54583-1) e do CNPq (Proc. 305438/2009-3). Em segundo lugar, apresentamos alguns capítulos que já sinalizam os caminhos abertos por este mesmo projeto em vista da continuidade da pesquisa no Labeca sobre a organização do espaço no Mediterrâneo antigo: metodologia em Arqueologia, mobilidade de pessoas no Mediterrâneo antigo e sobretudo contato cultural. Com efeito, o debate aberto no Labeca sobre a organização da *khóra* grega levou-nos a considerações importantes sobre este espaço como abrigo de relações econômicas, sociais, políticas, religiosas entre populações gregas e não gregas. Em um novo projeto, a pesquisa em nosso Laboratório aprofundou o debate em torno dos *Processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras: contato cultural no Mediterrâneo grego (sécs. IX–III a.C.)*; projeto que também contou com apoio da Fapesp (Proc. 2018/09308-1; <[www.labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br)>). Como o Labeca é um Laboratório sediado em um Museu universitário, é natural que também desenvolvêssemos atividades de pesquisa museológica (exposição e bancos de dados) destinadas à comunicação de resultados científicos obtidos pela equipe. Este volume intenciona igualmente dar conta de resultados de nossas atividades nestas duas áreas.



De modo a orientar o leitor, apresentamos a seguir as principais temáticas abordadas em cada um dos capítulos.

Encabeçando a coordenação do Labeca e a responsabilidade pelos projetos de pesquisa financiados pela Fapesp e apoiados pelo CNPq, Maria Beatriz Borba Florenzano faz um balanço das principais temáticas enfrentadas pela pesquisa no Laboratório e das abordagens metodológicas propostas no encaminhamento de cada uma. Define o percurso e o amadurecimento da pesquisa do Laboratório em torno de alguns fios condutores partindo do próprio conceito de pólis, passando pela discussão sobre as fontes primárias e cronologias para chegar aos temas mais atuais e presentes nas discussões sobre a cidade grega antiga, como: a questão da repartição da terra e o estabelecimento de lotes, a especialização dos espaços, e o debate sobre o que se pode chamar de fronteira no mundo grego antigo.

A atenção dada aos espaços fronteiriços da cidade grega e à organização desses espaços como parte estruturante da pólis levou a equipe do Labeca a uma reflexão aprofundada sobre o contato entre gregos de pólis diferentes e sobre o contato entre gregos e sociedades não gregas.

Os fenícios/púnicos estão entre aqueles não gregos que singravam pelo Mediterrâneo junto com os helenos, levando e trazendo bens e conhecimentos de um lado para outro já a partir do século IX a.C. Os estudos sobre estes grupos sempre focalizaram a mobilidade dos fenícios e os seus assentamentos portuários, destinados a apoiar essa movimentação. O texto de Maria Cristina Nicolau Kormikiari nesta coletânea mostra um outro lado dessa expansão fenícia no Mediterrâneo: tal como os gregos, também os fenícios fundavam assentamentos mais permanentes e tinham uma preocupação em organizar uma hinterlândia agrícola. Analisando a documentação material proveniente de duas áreas centrais e fundamentais na articulação do Mediterrâneo ocidental, as ilhas da Sardenha e da Sicília, a autora identifica modelos de organização territorial originais criados a partir de conhecimento das condições naturais locais e sempre em negociações com outros grupos populacionais.

Também sobre os fenícios, Eleftheria Pappa aborda um tema capital: a atuação fenício/púnica na difusão do alfabeto e da literalidade (a escrita) e a articulação destes mecanismos de comunicação com as várias formas de contato entre populações mediterrânicas diversificadas. Apoiada em uma extensa documentação material e epigráfica provenientes desde Portugal até Chipre, analisada de forma sistemática e rigorosa e, ainda, baseada no conhecimento profundo de estudos anteriores, a autora mostra um quadro de desenvolvimentos simultâneos da literalidade entre os diferentes grupos que conviviam no Mediterrâneo. A documentação analisada, de acordo com a autora, “oferece novas vias para a compreensão da natureza multifocal do comércio sistemático, que catalisou a expansão do alfabeto, visto em relação ao seu uso nas práticas pré-monetárias”.

O estudo de Daniela Puccini sobre Tasos, cidade assentada em uma ilha ao Norte do Mar Egeu, mostra-nos a complexidade da organização espacial desta pólis, com territórios dominados em área muito além do espaço urbano. Analisando de perto a documentação material, Puccini demonstra como esta era uma pólis dispersa no terreno e como mecanismos de integração desse terreno foram criados, fosse por terra fosse por mar, envolvendo a esfera religiosa. Tasos é, de fato, um exemplo bastante concreto da forma como os gregos entendiam a pólis como um espaço único que incorporava área urbana e área territorial em uma teia complexa de relações.

No exercício do diálogo entre artefato e texto, Marcia Ribeiro analisa uma passagem da tragédia Íon, de Eurípedes, em que monumentos e espaços mencionados por esse tragediógrafo são focalizados de sorte a destacar o seu simbolismo no funcionamento da cidade grega. A autora demonstra, com propriedade, como estes elementos são verdadeiros agentes na construção de identidades em que grupos estrangeiros e grupos autóctones articulam-se para dar forma à cidade grega.

Sediado em um Museu Universitário que tem como um de seus objetivos primordiais a pesquisa educacional e a difusão científica de qualidade, o Labeca, desde sua criação em 2006, estruturou uma linha de pesquisa que desse conta das formas de extroversão científica dos resultados de suas pesquisas. Pesquisas nos vários níveis foram desenvolvidas nessa área e resultaram em ações concretas próprias a um Museu Universitário como publicações didáticas, organização de exposições, mobilização de docentes em torno do potencial documental da materialidade. No texto da professora Elaine Hirata, e de Ana Paula Moreli Tauhyl, profissional formada no Labeca e que hoje atua no IPHAN, vêm expostos os principais caminhos da pesquisa educacional desenvolvida no Laboratório, bem como é feito o registro de algumas das principais ações educativas e de difusão científica. Entre o aproveitamento das tecnologias digitais e a mobilização do acervo do MAE, resultados importantes foram atingidos junto a grupos de educadores tanto do Ensino Fundamental I e II quanto do ensino superior. O forte elo criado no Labeca entre pesquisa sobre a antiguidade e a pesquisa educativa demonstrou como um Museu Universitário reúne ferramentas sólidas para a qualificação de educadores e educandos.

A reflexão realizada no Labeca sobre a organização e apropriação dos espaços pelos antigos gregos também abriu uma porta para a pesquisa sobre o papel fundamental da religião e/ou da religiosidade como elemento estruturante da sociedade. (Florenzano, 2019, pp. 154-157) A distribuição de espaços sagrados e dos vestígios de rituais religiosos no território urbano ou não das cidades mostra como a esfera da religião era pervasiva e, podemos mesmo dizer, estruturante do funcionamento destas sociedades antigas.



Os cinco últimos textos desta coletânea justamente tratam de diferentes tipos de documentos materiais que elucidam como a religiosidade atuou na demarcação de domínio político sobre territórios, na criação de espaços que buscavam a integração e associação de grupos étnicos diferentes, no estabelecimento de redes relacionais entre assentamentos, na legitimação e re-energização simbólica de identidades.

Leonardo Fuduli, ao analisar a distribuição de templos construídos em época helenística na Sicília, aborda como os elementos arquitetônicos de edifícios religiosos anteriores são reaproveitados em um novo contexto político e social, mas sempre mantendo a energia de um espaço anteriormente consagrado. Uma de suas conclusões aponta para o caminho seguido pelo tirano de Siracusa, Hierão II, no século III a. C. ao reconstruir muitos templos em estilo regional seguindo uma motivação ideológica, com a função de legitimar seu poder soberano sobre uma grande parte da ilha.

Lilian Laky, por sua vez, demonstra como um culto arcaico a Zeus na região da Messênia (Peloponeso) foi reorganizado para fortalecer a identidade étnica messênica quando da fundação da pólis do mesmo nome no século IV a.C. Não só o antigo santuário foi incorporado à área urbana pela construção de novas muralhas, como o Monte Ithome, onde estava centrado o antigo culto a Zeus, foi incorporado como acrópole da nova fundação. Além disso, a autora vale-se da documentação numismática para reforçar essa hipótese.

Felipe Perissato, em um texto claro e objetivo, aborda o papel das procissões religiosas na antiguidade grega como performances voltadas para a marcação de territórios. A procissão, no fundo, é parte de ritual religioso e o seu desenrolar demarca um espaço e cria uma apropriação simbólica dele. Depois de abordar as questões conceituais do tratamento desta temática, o autor passa para a morfologia e as dinâmicas espaciais envolvidas nas procissões especificamente do mundo grego antigo. A partir dos exemplos analisados, o autor conclui que as procissões eram eventos performáticos que agregavam uma amostra da sociedade produzindo um espaço social e promovendo a conexão entre os participantes por meio de uma experiência religiosa compartilhada, reforçando os laços simbólicos que os uniam.

Também entre os fenícios/púnicos vizinhos dos gregos no Ocidente mediterrâneo, os rituais religiosos desempenhavam uma função agregadora da sociedade, como propõe Rodrigo de Lima em seu texto sobre o edifício funerário de Obispo em Cádiz. Este é um enterramento monumental que tem uma história rebuscada em termos de sua escavação na atual Cádiz. Depois de recuperar os dados disponíveis sobre este monumento, o autor apresenta um estudo sobre as etapas de sua construção aplicando a estas a lente da comparação com outros monumentos fenícios/púnicos do mesmo período. Dessa forma,

consegue estruturar uma hipótese interpretativa de acordo com estudos atuais antropológicos sobre as práticas funerárias: o edifício funerário de Obispo pode ser visto como um elemento ativo na formação da paisagem do assentamento fenício; mantinha uma relação espacial relevante com templos dedicados às divindades mais importantes do panteão fenício; marcava uma área de domínio de um grupo social e simbolicamente o representava.

A coletânea é encerrada com um texto sobre a distribuição de espaços sagrados na hinterlândia de Gela, apoikia grega estabelecida no sul da Sicília em época arcaica.

Tabone parte de um levantamento sistemático e rigoroso de todos os espaços sagrados encontrados pela arqueologia na hinterlândia desta pólis. Este levantamento inclui o estabelecimento da distância entre esses espaços e o núcleo urbano e, ainda, as coleções artefatuais encontradas nesses espaços. A partir desta massa documental, o autor mostra com perícia como a 'fronteira' era entendida entre os gregos; mostra ainda como estes buscaram a integração com as populações não gregas locais e o controle sobre as mesmas a partir de uma infraestruturação sagrada da hinterlândia.

Tabone demonstra, com clareza, como toda essa hinterlândia estava densamente ocupada e economicamente explorada, derrubando a contraposição entre centro e periferia tão arraigada nos estudos sobre 'cidade e campo' na Grécia antiga.

Por fim, mas não menos importante, quero registrar aqui o desafio de organizar este volume em uma época de pandemia e de adaptação do trabalho intelectual às restrições impostas por este momento tão complicado em todo o nosso mundo.

MARIA BEATRIZ BORBA FLORENZANO  
São Paulo, fevereiro de 2022